

HISTÓRICO, EVOLUÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA MANCHA ANULAR OU LEPROSE DO CAFEIEIRO (*COFFEERINGSPOTVIRUS*– *CORSV*)

Tiago César DOMINGUETI, estudante, bolsista do CBP&D/Café na Fundação Procafé; Paula Rachel Rabelo CORRÊA, Prof.^a Dra., UNIS – MG.

A ocorrência de novos sintomas de mancha anular no café, nos últimos anos, tem sido frequente no campo. Esses sintomas acontecem em diferentes partes da planta e apresentando diversas anormalidades o que dificulta sua caracterização no campo ou baseando-se na literatura de referência (MATIELLO, 2015). Por isso essa nota técnica descreve o histórico, evolução e caracterização taxonômicas e epidemiológicas da mancha anular do cafeeiro no Brasil com objetivo de facilitar aos profissionais da área o diagnóstico da doença.

Os primeiros sintomas, da mancha anular do cafeeiro, foram encontrados no município de Caçapava – SP em 1938 por Bitancourt, que logo levantou a hipótese de ser uma doença virótica, provavelmente causada pelo vírus do “spottedwild” e da clorose infecciosa das malváceas, porém sem muita elucidação a respeito do tema. Em 1970, com o ataque severo da ferrugem nos cafezais brasileiros, cafeicultores e técnicos começaram a observar cuidadosamente as mais diversas manchas ocorridas nas folhas do cafeeiro. Assim, observaram-se com frequência os sintomas da mancha anular com a presença de ácaros avermelhados (*Brevipalpusphoenicis*), identificado como o vetor da leprose dos citros paulistas (REIS, 2000). Kitajima e Costa (1970), através de microscopia eletrônica, aprofundaram os estudos deste vírus e associaram a mancha anular como partículas muito semelhantes a dos Rhabdovirus.

Atualmente, o vírus causador da mancha anular, também conhecida como leprose do cafeeiro, está classificado pelo ICTV (InternationalCommitteeonTaxonomyofViruses) como membro provisório do gênero *Nuclearhabdovirus*, família *Rhabdoviridae*, ordem *Mononegavirales*. Seu agente etiológico é o *Coffeeringspotvirus* (CoRSV), que tem como vetor o ácaro *Brevipalpusphoenicis* Geijskes (Acari: Tenuipalpidae), popularmente conhecido por ácaro da mancha anular, ácaro plano ou ácaro da leprose (ALMEIDA et al., 2012). O CoRSV é formado de 65 a 75% de proteína, 1 a 2% de RNA, 15 a 25% de lipídios e em torno de 3% de glicoproteínas, apresentando partículas no formato de bastonetes medindo 40 nm x 100-110 nm, presentes com maior frequência no núcleo e com menor intensidade no citoplasma de células hospedeiras (CHAGAS et al., 2003; BOARI et al., 2006).

Chagas (1978) cita a importância da pesquisa em relação mancha anular, pelo fato de tanto o ácaro como o vírus terem condições de causar ataques mais severos em função da expansão cafeeira para áreas mais quentes e também pelo uso excessivo de defensivos nas lavouras, que levaria a redução dos inimigos naturais do ácaro. Em 1991, Silva et al. (1992) encontraram sintomas diferenciados da mancha anular no Alto Paranaíba de aparência mais severa, dando o nome de “leprose do cafeeiro”, pela semelhança com os sintomas da leprose dos citros. No entanto, tanto a mancha anular como a leprose do cafeeiro são o mesmo agente etiológico. Após o ano de 1995, a doença que antes era considerada de pouca importância para a cafeicultura brasileira, passou a ter destaque com ataques mais severos na região do Alto Paranaíba, Sul de Minas (Boa Esperança, Três Pontas), Triângulo Mineiro, e algumas regiões mais restritas da Alta Mogiana no estado de São Paulo (ALMEIDA et al., 2012). Há também relatos da doença em Costa Rica, na América Central (CHAGAS et al., 2003).

O CoRSV encontra-se presente principalmente nas fases ninfá e adulta cosmopolita do ácaro, que uma vez infectado não perde mais a capacidade de transmissão, sendo a incidência da doença totalmente dependente da existência deste vetor. Chagas et al. (2003) citam que não ocorre transmissão transovariana (através de gerações), e o vírus não é encontrado em sementes. Até o momento, não se conhece outra planta hospedeira e vetor natural ao CoRSV. Boari et al. (2001) observaram a presença do vírus em ramos verdes de cafeeiro, sugerindo que tais partículas virais serviriam como fonte de inoculo para futuras transmissões pelo vetor.

Segundo Almeida e Figueira (2014), os sintomas da doença em campo têm sido erroneamente caracterizados como ataque do ácaro vetor ou doenças fúngicas, devido às semelhanças com outros patógenos. Assim, os danos diretos e indiretos causados pelo vírus e sua abrangência nas regiões cafeeiras não estão sendo quantificados corretamente.